

A teologia diante das culturas afro-indígenas: interpelações ao método teológico¹

Theology before African indigenous cultures: questionings to the theological method

*Cláudio de Oliveira Ribeiro**

Resumo

Reflexão sobre questões que interpelam o método teológico, suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade. As realidades das culturas religiosas afro-indígenas que marcam o contexto latino-americano, se consideradas pela reflexão teológica, em postura de diálogo crítico e interpelador, possibilitam uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Dois deles são destacados no texto: O primeiro é o alargamento da visão sobre a realidade, sobre o ser humano e sobre o cosmo baseado na primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e também na maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas; descartadas, no entanto, as muitas idealizações das referidas culturas feitas por diferentes círculos. O segundo é que as dimensões de subjetividade e as experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-indígenas, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionaria o caráter fortemente racional nela presente e geraria novas sínteses entre fé e ações práticas.

Palavras-teologia negra, teologia indígena, sincretismo, subjetividade.

¹ Artigo recebido em 06/07/2012. Aprovado em 10/09/2012.

* Doutor em Teologia, Professor de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Contato: claudio.ribeiro@metodista.br

Abstract

This is a reflection about questionings to the theological method into a dialogue, brought up by African-indigenous cultures, specially about the relationship between subjectivity and rationality. The African-indigenous religious cultures' realities marking our latin american context, if taken into account by theological reflection through a questioning and critical dialogical stance, allow for a revision of the theological method in many different aspects. We underline two of those in our essay: the first one concerns a broadening of our viewpoint about reality, about the human being and about cosmos, based in the primacy of communal living in lieu of formal and doctrinal logics, and also a greater emphasis in the divesting and self-donation in contraposition to sacrificialist Christological forms; discarding, on the other hand, many idealizations of such cultures made up by different groups. The second one is that the dimensions of subjectivity, as well as playful and ritual experiences lived by afro-indigenous religious groups, once they are viewed as aspects that challenge Christian theology, would call into question its strong rational character and generate new syntheses between faith and practical action.

Keywords: *black theology, indigenous theology, syncretism, subjectivity*

Introdução

As temáticas relativas às tensões entre teologia e cultura, como se sabe, são diversas, especialmente em função das rápidas mudanças socioculturais, políticas e econômicas em curso no Brasil e no mundo. Basta lembrar as questões que emergem das realidades urbanas, as bioéticas, as de gênero, as que surgem das formas de consumo e tantas outras. Todas elas desafiam a reflexão teológica e, como todas possuem interfaces agudas com as experiências religiosas, desafiam igualmente as ciências da religião. Portanto, a relação entre fé e cultura – ou, para ser mais preciso: entre fés e culturas [no plural] - marca os principais debates no cenário teológico, não obstante as diferenças de épocas e de contextos. Trata-se de uma relação extremamente complexa e desafiadora.

No caso brasileiro e latino-americano em geral, são diversas as arestas presentes no quadro das relações entre fé e cultura, especialmente pela simbiose das culturas africanas, indígenas e as formas de cristianismos que se tornaram hegemônicas no continente. Desejamos com as reflexões a seguir tratar de uma dessas arestas que se refere às possibilidades de alargamento metodológico da teologia, questionando o excessivo racionalismo deste, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.

Para refletir sobre algumas questões que interpelam o método teológico suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade, embora tal contraposição não devesse ser descrita de forma genérica, recorreremos à contribuição de quatro teólogos que têm oferecido uma substancial contribuição nesses temas, acompanhadas de uma autêntica vivência ecumênica: Marcelo Barros, Diego Irazaval, Antônio Aparecido da Silva e Afonso Ligório Soares. Ao fazermos referência a tais contribuições desejamos ressaltar a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, destacar a contribuição de uma teologia indígena, especialmente por desfrutar da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade, como também a contribuição da teologia negra quando articula as subjetividades do mundo afro-brasileiro e a racionalidade cristã ocidental, procurando realçar o valor teológico do sincretismo com vistas a uma teologia entre-fés. Reconhecemos que os parâmetros das reflexões aqui propostas ainda estão centrados no universo conceitual cristão e não refletem profunda e radicalmente uma atitude dialógica a partir “de dentro” das referidas culturas. Ou seja, a voz dos sábios e sábias das culturas afro-indígenas ainda não se constituem como expressão nítida de vozes que interpelem e dialoguem com os grupos teológicos cristãos. Elas estão pressupostas na vivência dos autores em questão.

1. Mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas

Nossa pressuposição é que a realidade das culturas religiosas afro-indígenas que marcam o contexto latino-americano requerem uma mudança do lugar teológico e uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Não obstante certas idealizações das referidas culturas, que precisam ser descartadas em nossas análises, não se pode negar traços significativos delas como, por exemplo, a primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e a maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas, que não valorizam o ser humano em sua integridade e dignidade e nem a promoção da vida na concretude dela. Tais visões, entre outros aspectos, são indicações de um novo/antigo caminho teológico que levaria a reflexão teológica a rever o seu forte acento racionalista.

Para aprofundar essa perspectiva recorreremos à produção teológica de Marcelo Barros. Ele desenvolveu a sua vocação em uma diversidade de experiências que oferecem à sua obra uma legitimidade singular. Seja na convivência ecumênica com os irmãos na comunidade de Taizé, seja no trabalho efetuado na companhia de D. Hélder Câmara, na Arquidiocese de Olinda e Recife, seja nos serviços a comunidades populares, católicas e protestantes tradicionais e pentecostais, seja no acompanhamento a movimentos sociais e políticos no Brasil e em outros países latino-americanos, seja pela vida comunitária consagrada à oração, ao estudo, à acolhida e ao diálogo com pessoas e grupos de outras igrejas, religiões e culturas, como monge beneditino, Marcelo Barros procura unir esta vocação pela unidade com a opção pela libertação e pela justiça.

Em sua reflexão ecumênica sobre espiritualidade e diálogo interreligioso se destacam as seguintes obras: *O Sonho da Paz: a unidade nas diferenças* – ecumenismo religioso e o diálogo entre

os povos (1996), onde trata do ecumenismo como experiência concreta de homens e mulheres, de comunidades eclesiais e movimentos populares, no seu cotidiano de festas e de lutas por justiça e dignidade. O texto também estabelece um diálogo com as tradições religiosas populares brasileiras, especialmente as de origem indígenas e africanas, indo assim para além do cristianismo. Na mesma direção, destaca-se *A Dança do Novo Tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica* (1997), onde apresenta os princípios básicos da profecia bíblica do jubileu, assim como as indicações práticas e políticas de um projeto de jubileu para o século XXI.

Em *O Sabor da Festa que Renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação* (2009), Marcelo Barros propõe uma mudança de lugar teológico, que inclua a possibilidade de fazer teologia a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas. Trata-se de articular dois polos de reflexão: o que emerge do ponto de vista da experiência afro-americana e o que se efetua dentro do marco das culturas indígenas, considerando que ambas releem e reinterpretam criativamente a partir de suas próprias experiências e símbolos a perspectiva teológica e religiosa latina da fé cristã.

O referencial hermenêutico dessa visão teológica é o da teologia da libertação e ela se desenvolve a partir do paradigma do pluralismo religioso e cultural constatado na atualidade e assumidamente valorizado. Por essa valorização entende-se o reconhecimento do pluralismo como “dom precioso que enriquece a humanidade e a convida a um aprofundamento espiritual novo e mais profundo” (Barros, 2009, p. 31).

Embebido por um clima testemunhal, as reflexões contidas na obra apresentam aspectos históricos relevantes do contexto de formação das teologias de afro-descendentes, em especial as suas raízes plurais, com as devidas distinções entre os esforços de se pensar a fé no contexto das religiões afro-americanas, por um lado, e no contexto dos grupos cristãos que buscam pensar a fé cristã a partir das culturas negras, por outro, além do relato

das aproximações entre esses diferentes grupos. O autor indica dois exemplos: as experiências de uma teologia do candomblé e uma teologia da umbanda, embora reconheça a imprecisão dos termos, e a experiência de agentes cristãos de pastoral negra e de círculos teológicos cristãos que buscam uma síntese entre as culturas negras e a fé cristã.

Nesse contexto, entre as visões teológicas desafiadoras está a de uma cristologia afro-latíndia. Ela mostra, entre outros aspectos, que a redenção acontece não mediante a morte sacrificial de Jesus na cruz, mas nasce de uma fé confiante e despojada mediante o amor de Deus. “Isso não diminui o valor salvífico da autoentrega de Jesus em seu martírio e da força do exemplo que tem sua paixão. Mas abre a fé cristã a um reconhecimento de uma ação divina muito além do Cristianismo” (Barros, 2009, p. 125-126).

No tocante às questões eclesiológicas, o que fica indicado como valor são formas comunitárias de viver a fé, dentro da referência teológica da libertação, na comunhão com as culturas afro e indígena, incluindo o valor que nelas é dado às festas e à preparação e ao desfrutar da comida. Essa perspectiva requer uma mudança profunda na concepção de missão, que passa a ter a sua ênfase na forma profética de inserção no mundo, que vive e celebra o testemunho da ressurreição de Jesus no meio dos sofrimentos humanos, sobretudo das pessoas mais pobres, e do martírio constante das comunidades negras e índias. A eclesiologia afro-latíndia fundamenta-se em ser antirracista e antidiscriminatória, comprometida com a justiça e com o respeito das diferenças. Ela é marcada, não obstante, por seu caráter militante, pela alegria e pela dimensão lúdica, mesmo em meio ao sofrimento.

2. A tensão entre ritualidade e racionalidade: por uma teologia indígena

Em relação especificamente à teologia indígena latino-americana são muitos os desafios, em especial pelo elevado grau de diferença cultural nos diferentes contextos e épocas

e pelas interpelações que a história do encontro entre culturas provocou. Um dos teólogos que tem se dedicado a essa perspectiva é Diego Irarrazaval. Ele atuou por quase três décadas em comunidades populares aymara no Peru. Em suas palestras e entrevistas costuma dizer que junto aos Aymara aprendeu a ser pastor e a ser pastoreado por um povo que sabe celebrar a vida e que é capaz de aceitar as pessoas distintas com suas virtudes e limitações. Da mesma forma, afirma que a compreensão que possui sobre o sentido do seu próprio trabalho missionário, não é por crer que as pessoas envolvidas estão carentes de Deus, mas sim para acompanhá-las na beleza da espiritualidade delas e em seus esforços na conquista da justiça como, por exemplo, o direito à educação em sua própria cultura. Tais perspectivas são reveladoras da teologia do autor.

Em *De Baixo e de Dentro*: crenças latino-americanas (2007), o autor formula a sua proposta teológica a partir dos povos originários do continente latino-americano, a partir das suas vivências de espiritualidade, numa atividade que nasce a partir “de baixo”, com as populações excluídas, e “de dentro” da cultura e fé ameríndia. A provocação primeira para esta perspectiva de reflexão é dada pelas populações empobrecidas, “de baixo”, das classes populares e “de dentro”, do próprio espaço da América Latina, como o próprio título da obra já aponta. Irarrazaval interpela a teologia das religiões a partir das falas/crenças indígenas questionadoras de heranças coloniais que encobrem experiências de espiritualidade e que não são relacionadas ou geradas com construções eurocêntricas. Um exemplo disso é a tensão entre ritualidade e racionalidade no tocante ao conhecimento da realidade:

Para a população nahuatl, a verdade é *in xóchitl in cuicatl* (flor e canção) que provém da fonte da Vida e que é proclamada por *tlamantinime* (pessoas sábias). Portanto, não é a equação mente = realidade, mas um conhecimento metafórico como o de flor-e-canção, onde dialogam o divino e humano. Cada povo autóctone da América Central, da Amazônia, das serranias andinas, do cone-sul tem seu modo de entender a natureza, a história, a divindade.

Tal compreensão é inseparável da celebração, pois a palavra de fé [o mito] se alimenta do rito e vice-versa. Esta rica palavra ritual é a que, nos processos de teologia índia, dialoga com a fé cristã. [Irrarazaval, 2007, p. 105].

A proposta do autor constrói-se a partir de dois eixos importantes: o *primeiro* deles refere-se ao mundo indígena e mestiço, uma encarnação nestas vivências, em suas identidades complexas, na interação entre suas culturas, em seus mitos e formas de espiritualidade e em suas outras propostas de fé em Deus. Já o *segundo* eixo refere-se a abordagens mais amplas da realidade latino-americana, a partir “de dentro” desse espaço; para tanto, aproxima-se das culturas e religiosidades dos povos pobres e, a partir “de baixo”, relacionando ação evangelizadora, inculturação e as hermenêuticas que são construídas e desenvolvidas no contexto e em diálogo com povos “indo-afro-mestiços”.

O autor fala “a partir de regiões andinas que encontram harmonia entre pólos contrapostos” [Irrarazaval, 2007, p.9]. Trata-se, pelo visto, de uma espécie de conciliação e convivência de contrários, não caindo em interpretações dicotômicas. Irrarazaval, portanto, procura reler as vivências latino-americanas em suas culturas e espiritualidades, em seu pluralismo e mosaico multicolorido, mas a partir de um lugar específico. Como afirma já no início do livro em questão:

estou convencido de que o pensar profundo não vem de um acima unilateral, mas do pequeno e do último que humildemente é capaz de interagir com toda a realidade. Portanto, para crer e pensar, não vamos subir, mas ao contrário, descer e gozar da intimidade e do vigor das fontes da Vida. [Irrarazaval, 2007, p.10].

A partir deste lugar vivencial, os povos tradicionais interpelam a produção de teologia com seus mitos e suas utopias. A fé indígena provoca a teologia das religiões reprojetoando-a para além das elaborações teológicas cristãs que se construíram como espaços hegemônicos de onde se interpreta a espiritualidade e a cultura dos povos ameríndios. A teologia passa, portanto, a ser

desafiada pela construção de narrativas a elaborar-se a partir de uma fé plural e diversa.

Parece-me que a visão indígena nos ajuda a reapreciar o sagrado e a salvação no interior da criação e da corporeidade humana. Um estudioso valoriza o existencial nas “cosmogonias míticas... em momentos decisivos da vida individual, como é o nascimento, a doença, a iniciação, a celebração do matrimônio e a morte...” e acrescenta: “Teologicamente têm interesse pelo contraste que representam com os relatos bíblicos da criação.” Por minha parte, sublinho como o indígena motiva a reprojeter a situação atual e a corrigir a teologia dominante. Em vez de coisificar e consumir a realidade — uma feição da (des)ordem moderna — nos convém mais interagir entre seres viventes, confrontar a maldade no mundo (muito presente nos mitos indoamericanos) e superar os absolutos científicos e técnicos que manipulam tudo. Também relemos nossa tradição afim de não segregar o natural/humano da obra de salvação. (Irrarrazaval, 2007, p. 106).

Na interpelação de uma teologia indígena, Diego Irrarrazaval apresenta quatro pontos de destaque a partir dos mitos e da fé indígena: i) o imaginário mítico e utópico, na população Ameríndia, é heterogêneo e complexo, e conjuga origens marcadas pela felicidade e pelo mal; ii) a teologia cristã, ao se aproximar dos mitos, ritos, utopias e éticas dos povos indígenas, não se delimita pelo tradicionalmente religioso da experiência cristã, mas se alimenta pela busca de uma vida plena com os símbolos espirituais de povos tradicionais; iii) a reflexão cristã, neste encontro, ressitua-se na espiritualidade e sabedoria dos povos indígenas, na fé dos “de baixo”; iv) o desenvolvimento de uma solidariedade mundial é inseparável do cosmo e da qualidade espiritual dos povos, que provoca uma interação entre comunidades indígenas e outros setores da humanidade, a articulação entre teologias indígenas e outros modos de fazer-teológico, reconhecendo, assim, um pluralismo religioso e um pluralismo teológico.

3. Subjetividade afro-brasileira e a racionalidade cristã ocidental

Observemos agora mais detidamente a contribuição da teologia negra da libertação para o debate do pluralismo religioso. Nossa proposição é que as dimensões de subjetividade e de experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-brasileiros, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionariam o caráter fortemente racional nela presente e geraria novas sínteses.

Para isso, recorreremos ao teólogo Antônio Aparecido da Silva (1948-2009), uma das mais destacadas lideranças do movimento teológico negro na América Latina. Conhecido como padre Toninho, percorreu variados caminhos para o diálogo, aprendizado mútuo e assessoria a comunidades de base, movimentos populares e grupos religiosos afro-brasileiros de diferentes matizes e procedências. Ele liderou o Grupo Atabaque – Cultura Negra e Teologia que, em parceria com a Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASET) realizou consultas ecumênicas, promoveu encontros, produziu material para comunidades e grupos dentro da temática teologia, pastoral e negritude. Desse quadro destacam-se as seguintes produções - todas com forte participação do padre Toninho: *Identidade Negra e Religião*: consulta sobre cultura negra e teologia na América Latina (Rio de Janeiro: CEDI, 1986) e *Teologia Afro-Americana: II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha* (São Paulo: Paulus, 1997).

Em linhas gerais, tais eventos procuravam colocar em comum os diversos aspectos sociais e teológicos a partir da realidade das comunidades afro-americanas e caribenhas emergentes nas últimas décadas do século XX; analisar e aprofundar à luz da reflexão teológica os grandes desafios provenientes da realidade pastoral dos povos negros; aprofundar as exigências de uma “evangelização inculturada” indicadas pelas igrejas; aprofundar a reflexão sobre as práticas ecumênicas a partir das culturas e

religiões de origem africana; e como as teologias feministas e índias podem representar espaço de encontro, de diálogo e de construção de novos referenciais e paradigmas teológicos.

Padre Toninho produziu vários textos. Um livro de destaque que ele organizou é *Existe um Pensar Teológico Negro?* (2008). Nele o autor apresenta a ideia de “Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano”, ao mostrar que na diáspora do povo negro africano – e esta é a realidade do contexto latino-americano – não houve dificuldades por parte das religiões de origem africana de acolher Jesus Cristo como expressão concreta da fé, apesar do terrível sofrimento causado pelos senhores cristãos. Não obstante a diversidade religiosa da comunidade negra no continente, Jesus é respeitado, cultuado, invocado e visto como libertador. Ao analisar a experiência dos grupos africanos Banto e Nagô, padre Toninho indica que a cristologia pode ser redimensionada a partir da experiência de ancestralidade e de orixalidade. Trata-se da valorização do passado fazendo-o estar presente na comunidade por intermédio da mediação ancestral, e da valorização da mediação que reúne ao mesmo tempo a identidade humana e divina, como é o caso da força universal dos orixás.

Ainda na questão cristológica, padre Toninho enfatiza a dimensão da libertação, crucial para os povos negros devido à situação de opressão em que vivem. Daí, a afirmação que

a cristologia que emerge do contexto da Comunidade Negra, por certo, não é uma cristologia centrada num mero sacrificalismo justificador das dores das vítimas do sacrifício. A vítima evoca uma atitude passiva, que é, na verdade, não-atitude. A cristologia atual, mais que um Jesus Cristo vítima, revela o Jesus Cristo mártir. O martírio em Jesus Cristo – e é aí que a concepção cristã sobre o martírio tem o seu significado – é consequência de uma atitude ética fundamental em direção do Reino de Deus [Silva, 2008, p. 74].

Em “Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas” no livro *Pelos Muitos Caminhos de*

Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação (2003), organizado pela ASETT, padre Toninho mostra que uma teologia do pluralismo religioso precisa necessariamente levar em consideração a realidade religiosa afro-americana, dentro de suas mais diversas manifestações como o Candomblé no Brasil, o Vodou haitiano e a Santeria em Cuba, e as demais expressões religiosas delas decorrentes ou em interação com elementos delas, como é o caso, por exemplo, da Umbanda no Brasil, que embora de origem nacional, é frequentemente arrolada como religião africana.

Historicamente, há uma evolução da forma como as igrejas cristãs, tanto católica como protestantes, veem as religiões afro-americanas. Do tratamento como seitas diabólicas e objetos de ataques passa-se a uma postura de maior respeito, embora se mantenham as posturas de ameaça e de violência. Ao mesmo tempo, porém, há pouco diálogo entre teologia cristã e o universo religioso das tradições religiosas africanas.

São muitos os aspectos que desafiam uma teologia pluralista. Um deles são as limitações do fazer teológico aos espaços institucionais e magistérios das igrejas. Uma teologia pluralista precisa ser construída a partir do diálogo e interpelações livres de diferentes culturas que margeiam as experiências religiosas. Como escreve o padre Toninho:

A subordinação da Teologia Cristã aos magistérios eclesiásticos ocasionou um fechamento, dando a esta, não poucas vezes, um enquadramento muito mais de doutrina que de sabedoria ou ciência. Ao mesmo tempo em que tornou-se um corpo fechado, a Teologia Cristã legitimou a si própria e desconsiderou as outras possíveis teologias. Ainda hoje causa estranheza a muita gente quando se fala em Teologia do Candomblé, do Vodou ou das heranças religiosas africanas (Silva, 2003, p. 99).

A lógica racional que sustenta a teologia cristã ocidental, mesmo a teologia da libertação, precisaria ser interpelada pelas concepções de mundo africanas, nas quais o humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar, como o “estado

de santo”, por exemplo. Também a subjetividade própria da sabedoria africana -- considerando, por suposto, a multiplicidade de culturas e religiões nos diferentes países da África - carece de reciprocidade diante da racionalidade ocidental. Para o autor:

A Teologia Cristã do Pluralismo Religioso ou será dialogante, ou não será Teologia do Pluralismo Religioso; sem diálogo aberto será uma falsa proposta. Entretanto, mesmo nos tempos atuais, o diálogo inter-religioso encontra-se prejudicado e até mesmo impossibilitado pelo relacionamento assimétrico entre as teologias em questão. Não há possibilidade de diálogo enquanto a Teologia Cristã for considerada “a teologia”, e a Teologia das heranças africanas continuar sendo considerada “mera credence” (Silva, 2003, p. 99).

Outro desafio é a compreensão da salvação. A distinção presente em teologias cristãs tradicionais dos atos divinos de criação e de salvação não é encontrada nas tradições religiosas africanas. Nelas, criação e salvação constituem em ato único divino. A salvação já está dada por Deus no ato criador. “Deus cria salvando e salva criando” (Silva, 2003, p. 102). Essa visão não despreza os procedimentos éticos, mas se isenta de uma quase obsessão pela salvação, como vista em alguns grupos cristãos, o que gera formas religiosas “de barganha” humana com Deus e formas de exclusivismo. O compromisso ético não se baseia tanto na busca incessante de uma salvação, mas de um equilíbrio, de um bom relacionamento entre as pessoas e delas com a natureza de uma fidelidade ao divino. Tal perspectiva requer maior aprofundamento da reflexão cristã sobre a salvação, especialmente no tocante a relação entre Deus e o ser humano que é fundamentalmente graça. A ética é a resposta humana no plano das relações sociais e políticas à ação gratuita de Deus. A realidade do axé das tradições africanas pode estar bem mais próxima do conceito cristão de graça, se forem descartadas as influências históricas dos dualismos e reducionismo filosóficos que sofreu.

Relacionadas a esse tema surgem algumas questões cristológicas que merecem atenção. Há uma forte tendência em religiões afro-americanas de se incorporar Jesus Cristo em seus esquemas e simbologias. E isso, em geral, se dá não como mera assimilação igualando-o, por exemplo, aos Orixás, mas como novidade de vida especialmente ligada à superação de condições aviltantes como a escravidão. Trata-se de uma nova percepção de fé forjada pelo contexto opressivo da diáspora. Jesus, mesmo com nomes variados, está presente e atua — por seu Espírito — na vida das pessoas. O que isso pode representar para a teologia cristã em seus processos de renovação e de busca de referenciais mais profundos para a fé? Além disso, padre Toninho nos lembra que “se a amálgama que permite a unidade da teologia cristã é a fé da comunidade no Deus de Jesus Cristo, o ato unificador das tradições africanas é a experiência centrada no Deus da Vida mediatizada pelo AXÉ” (Silva, 2003, 100), mesmo considerando a diversidade interna das religiões afro-americanas; o que nos chama atenção para o risco de generalizações uniformizantes.

A dimensão sacramental também é desafiadora. Para o autor, o mistério da Eucaristia nas igrejas cristãs e o Estado-de-Santo nos cultos do Candomblé, por exemplo, evidenciam momentos absolutos da relação do humano com o divino, e, portanto, uma teologia do pluralismo religioso deveria dar, minimamente, a mesma importância a ambos, sendo assim vistos como “sacramentos”. Diferentes das formas ocidentalizadas de cristianismo, a teologia das heranças africanas, nos indica o autor, “se fundamenta numa concepção de mundo de relações mais que dialéticas, verdadeiramente analéticas. O humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar. É a lógica da não-lógica” (Silva, 2003, p. 101). Tais perspectivas suscitam indagações importantes para um diálogo entre teologia cristã e teologia das heranças africanas: “Qual lógica é capaz de dar conta de uma realidade onde o humano e o divino transformam a corporeidade em carregadora de ambos? Qual lógica explica

o “estado de santo?” (Silva, 2003, p. 101). Trata-se de questões mutuamente desafiadoras. Diante delas o autor conclui que

Está evidente que os pressupostos do conhecimento numa e noutra reflexão teológica não seguem os mesmos caminhos. Entretanto, a aproximação entre elas pode determinar uma nova via de conhecimento capaz de dar conta da realidade plural que envolve o ser humano. A subjetividade que caracteriza a sabedoria africana põe em cheque a racionalidade que distingue o procedimento ocidental, contudo se carecem reciprocamente (Silva, 2003, p. 101).

3. Por uma teologia entre-fés

Nossa pressuposição é que o sincretismo faz parte das relações históricas entre as religiões. Mesmo as reações a ele se dão, em geral, a partir de determinada religião que também é, por sua vez e, em alguma medida, sincrética. Os diálogos interreligiosos têm sido desafiados pelas realidades do sincretismo e também da chamada dupla vivência religiosa. Esse dois aspectos constituem um dos pontos mais controversos do diálogo inter e intrarreligioso. São inúmeras as comunidades no contexto latino-americano que vivem formas de cristianismo popular sem abrir mão de tradições religiosas milenares. Portanto, trata-se de tema relevante para a reflexão teológica atual.

Um dos autores que tem se dedicado ao tema do sincretismo religioso é Afonso Maria Ligório Soares. Ele tem se destacado no campo da pesquisa e da reflexão teológica e, no campo da teologia das religiões, tem oferecido indicações relevantes. Soares, por exemplo, organizou a obra *Dialogando com Jacques Dupuis* (2008a), que, além de apresentar a vida e a obra do referido autor, mostra também o processo de notificação da Congregação para a Doutrina da Fé da Igreja Católica Romana a propósito do livro *Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso*. Soares lembra que, para Dupuis, a teologia somente será autenticamente católica, se for inclusiva, universal e integradora das diferentes experiências religiosas. Ele destaca

no texto que, para o teólogo belga, há unicidade relacional do mistério de Cristo com as demais religiões, de tal forma que “a teologia cristã precisa levar em consideração os diversos caminhos de salvação” (Soares, 2008a, p. 13).

A obra *Interfaces da Revelação*: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil (2003) se constituiu num marco do debate sobre o tema do sincretismo, analisado em perspectiva teológica. Em diálogo com Juan Luis Segundo, Andrés Torres Queiruga e outros pensadores de destaque, Soares estabelece uma profícua relação com o campo religioso brasileiro, percebendo devidamente as dimensões normativas da fé e aspectos formativos da cultura. A partir disso, o autor vislumbra um encontro entre a tradição teológica latino-americana e a simbólica das religiões afro-americanas, tendo como objeto material o sincretismo religioso entre catolicismo e tradições oriundas da África.

A perspectiva do autor é dar positividade à noção de sincretismo. Para ele

pode-se falar, portanto, de fé sincrética para identificar o modo mesmo de uma fé ‘concretizar-se’. De fato, não existe fé em estado puro; não temos antes uma fé [religiosa] à qual acrescentamos depois uma ideologia. A fé mostra-se na práxis. Por isso, quem diz fé sincrética, diz, de certa forma, fé inculturada. A diferença (não indiferente) é de trajeto, ou seja, o ponto de vista de onde se observa ou de onde se participa da invenção religiosa popular. A comunidade eclesial propõe-se a inculturar a mensagem evangélica; o povo responde, acolhendo (inreligionando) a ‘novidade’ de acordo com as suas reais possibilidades contextuais [políticas, culturais, etc] (Soares, 2003, p. 246).

As consequências para o fazer teológico são diversas e todas igualmente desafiadoras. Não se trata necessariamente de uma visão heterodoxa, ao contrário, “as matrizes bíblico-simbólicas do cristianismo são intrinsecamente abertas a novas releituras e reconceitualizações” (Soares, 2003, p. 252). Isso deve se dar em diálogo e em abertura a um processo de reformulação

dogmática, que podem muito bem ser feitos entre e em conjunto com diferentes religiões.

Em *No Espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais* (2008), Afonso Soares revisita a teologia do sincretismo, entendida como possibilidade de se pensar a fé dentro de um diálogo inter e intrarreligioso. As pressuposições básicas dessa perspectiva são: (a) que expressão religiosa alguma vive em estado puro ou está isenta de ambiguidades e, portanto, pode e deve estar aberta às outras em um processo de aprendizado, e (b) que o sincretismo, ao contrário do sentido na maior parte das vezes negativo atribuído ao termo, pode ser compreendido como ressemantização das experiências religiosas a partir das relações aprendidas no mundo do outro. É o que dará base para o autor indicar uma teologia “entrefés” (*interfaith*) que aprende das realidades religiosas de sincretismo que “não há etapas rumo a esta ou aquela religião total, pois nenhuma fé ou espiritualidade esgota o Sentido da Vida” (Soares, 2008, p. 213). As vivências espirituais sincréticas seriam sadias provocações aos conceitos enrijecidos pela lógica dogmática e devem ser vistas como fonte de novidade na busca de formas novas e mais autênticas de compreensão da fé tradicional.

Ressalte-se, porém, que a vivência sincrética do cristianismo não é uma invenção de indígenas latino-americanos e afro-descendentes. Ocorre na história dos povos um autêntico jogo dialético em que, primeiramente, o povo vencedor tenta impor-se eliminando a religião do povo vencido (antítese); em seguida, o dominador acaba aceitando os elementos mais válidos ou mais fortes dos oprimidos (tolerância, coexistência pacífica); no final, chega-se a uma síntese. O cristianismo, por ser uma religião universalista, não pôde se subtrair ao sincretismo, já que chamou sobre si a responsabilidade de conter, em princípio, toda a pluralidade encontrável no gênero humano (Soares, 2008, p. 193).

Tal perspectiva teológica não se confunde com a ideia de que “tudo cabe”, tornando essa visão desprovida de um referencial ideológico e de verdade. Ao contrário, seguindo a

intuição universal e pluralista de que “todos cabem” – e, aqui, portanto, a dimensão humana é ressaltada –

não nos parece epistemologicamente difícil avançar na proposta de uma ética (H. Küng) ou *ethos* (L. Boff) mundial; e será sempre simpático enveredar por um caminho místico que supere as demarcações teo-lógicas (R. Panikkar). Também é fácil descartar pastiches de pluralismo religioso como os *blockbusters* da trilogia *Matrix*. Mas, ainda nos retém do lado de cá a velha noção de verdade (Soares, 2008, p. 220-221).

Não se trata de uma expectativa de dizer a verdade cabal, mas uma teologia do sincretismo pode, ao menos, desmascarar pretensas verdades, especialmente pelo recurso e mediações necessárias das ciências, revelando, assim, fronteiras porosas que podem se tornar espaços significativos de reeducação como seres humanos. No primeiro capítulo, o autor já mostra que tal processo de reeducação deve revelar a validade e a relevância do esforço teológico, que articula a realidade plural e a tradição, para o bem das comunidades de fé. Esse exercício deve levar em consideração as hermenêuticas em conflito nos contextos eclesiais, em especial o católico romano devido ao número crescente de ‘notificações’ e processos sobre pesquisas em diferentes áreas, sobretudo no campo inter-religioso.

As tradições religiosas de origem africana são destacadas na obra, especialmente no tocante à discussão sobre a revelação. A pressuposição é a realidade plural da América na atualidade. Nela, há uma complexidade de fenômenos religiosos e uma simultaneidade (diferentemente de outros contextos, como o europeu, por exemplo) entre situações de crise da religião e de reavivamento religioso. Verificam-se experiências de personalidades católicas que vão ao encontro dos mistérios ancestrais africanos e de personalidades do mundo religioso afro que buscam o catolicismo. Ambos movimentos revelam intensa criatividade religiosa e desejam encontrar significados mais profundos e novos de sua própria tradição a partir de relações sincréticas.

A obra também analisa movimentos espiritualistas-esotéricos que, embora não se reconheçam como religiosos, possuem estruturas simbólicas, objetivos, processos iniciáticos muito próximos aos das religiões, inclusive da visão judaico-cristã. Analisa também as interações religiosas híbridas e sugere a possibilidade de pensar o futuro das novas gerações dentro do marco de uma forma de pensamento interconfessional ou transconfessional. Tal forma daria condições para a construção de uma teologia “entrefés”.

A questão, portanto, não é se somos ou não sincréticos — uma atenta resenha dos bons estudos culturais disponíveis demonstra inequivocamente que, mais ou menos, o somos todos —, mas até que ponto da estrada queremos ou agüentamos ir nesse intercâmbio, sem prejuízo da inspiração cristã original. Mesmo que chamemos essa tradução de inculturação ou de “sincretismo ortodoxo”, o importante é ir aprendendo a detectar nesse processo de empréstimos quando o mesmo é comandado por delimitações fora das quais já não se percebe nenhum *continuum* com a tradição cristã [Soares, 2008, p. 197].

Considerações finais

Procuramos refletir sobre questões que interpelam o método teológico, suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade. Tal relação, em nosso ponto de vista, é fundamental para o alargamento do método teológico, tão almejado nas últimas décadas. A intenção foi questionar o excessivo racionalismo da teologia, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.

As realidades das culturas religiosas afro-indígenas que marcam o contexto latino-americano, se consideradas pela reflexão teológica, em postura de diálogo crítico e interpelador, possibilitam uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. O primeiro é o alargamento da visão sobre a realidade,

sobre o ser humano e sobre o cosmo baseado na primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e também na maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas. Descartam-se, no entanto, as muitas idealizações das referidas culturas feitas por diferentes círculos nos campos da antropologia, da teologia e das ciências da religião. Todavia, não se pode negar os traços de inclusão e de respeito ao humano e à natureza presentes na vivência de nações indígenas e de povos de cultura negra. O segundo é que as dimensões de subjetividade e as experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-indígenas, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionariam o caráter fortemente racional nela presente e gerariam novas sínteses entre fé e ações práticas.

Nossa perspectiva foi ressaltar a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, valorizar a contribuição de uma teologia indígena e de uma teologia negra, especialmente por desfrutarem da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade e por articularem as subjetividades do mundo afro-indígena e a racionalidade cristã ocidental, além de realçar o valor teológico do sincretismo com vistas a uma teologia entre-fés.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Marcelo. *O Sabor da Festa que Renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____. *O Sonho da Paz: a unidade nas diferenças – ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Dança do Novo Tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*. São Leopoldo: Sinodal/ Paulus/Cebi, 1997.

IRARRAZAVAL, Diego. *De Baixo e de Dentro: crenças latino-americanas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

SILVA, Antônio Aparecido da. Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas. In: ASETT [Org.]. *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003, p. 97-107.

_____[Org.]. *Existe um Pensar Teológico Negro?* São Paulo: Paulinas, 2008.

SOARES, Afonso M. Ligório. *Dialogando com Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2008a.

_____. *No Espírito do Abba: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008b.

_____. *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.